

Silvano, F., 1995, "À procura de olhares cúmplices: a produção social da paisagem na vila de Vizela", Cultura e arquitectura, Santiago, Edicións Lea, org. Paulo Castro Seixas, Xerardo Pereira Pérez, Paula Mota Santos (135,147).

À PROCURA DE OLHARES CÚMPLICES : a produção social da paisagem na vila de Vizela

Filomena Silvano, Universidade Nova de Lisboa

Um concelho que é uma paisagem

No Inverno de 1993, desloquei-me a Vizela com o objectivo de entrevistar, entre outros, os presidentes da junta das duas freguesias que constituem o núcleo urbano da vila. Estava a trabalhar a partir de um conjunto de entrevistas realizadas em 1983 e interessava-me actualizar alguns elementos. As primeiras entrevistas tinham sido realizadas imediatamente a seguir aos protestos que resultaram de mais uma tentativa falhada de obter a aprovação, na Assembleia da República, de uma proposta de lei destinada à criação do concelho de Vizela ¹. Passada uma década, os referidos acontecimentos já deviam fazer parte da memória colectiva da vila e eu tinha curiosidade em saber qual era a versão dos factos que esta tinha fixado. Como era de esperar, os acontecimentos do início dos anos 80 vieram associar-se à narrativa heróica que evoca a luta, de mais de um século, pela autonomia administrativa. Numa década, Vizela tinha-se tornado, definitivamente, no emblema nacional das terras que querem ser concelho.

"Fala-se muito no bairrismo da Vizela, as pessoas em Lisboa admiram-se de ver as expressões dos vizelenses, aquela força ... eu acho que esse querer muito grande de ser concelho, penso que talvez seja a característica mais notável aqui de Vizela."

Para lá do melhor entendimento dos mecanismos de construção de um discurso identitário que se organiza em torno de uma reivindicação territorial e administrativa,

¹ A vila de Vizela corresponde a duas freguesias, S. João de Vizela e S. Miguel de Vizela, ambas integradas no actual concelho de Guimarães. Esta inclusão administrativa é contestada pelos habitantes da vila, que reivindicam a "restauração do concelho de Vizela". Do ponto de vista histórico, Vizela baseia o seu pedido de restauração do concelho no facto de este já ter existido (usa como comprovação uma "*sentença sobre jurisdição no concelho das Caldas de Riba Vizela*", presente numa carta editada em 1367 pelo infante D. João, filho do rei D. Pedro (Pacheco 1984 : 53)). Trata-se por isso de uma reivindicação antiga, que se tem repetido em diferentes períodos da História do País : 1869, 1905, 1914, 1926, 1931, 1964 e 1977 são algumas das datas em que a vila formulou pedidos de restauração do concelho. Entre 1981 e 1983 a questão foi debatida na Assembleia da República, tendo sido apresentadas várias propostas de lei destinadas à criação do novo concelho. No ano de 1998, os habitantes de Vizela viram o seu desejo satisfeito, com a aprovação na Assembleia da República de um projecto de criação do futuro concelho de Vizela.

a visita de 1993 acabou por centrar a minha atenção num elemento particular desse mesmo discurso. Quando cheguei, acompanhada pelo meu colega João Neves, encontrei-me com Dinis Manuel Silva Costa, presidente da Junta da freguesia de S. Miguel de Caldas de Vizela. Combinámos os horários das entrevistas previstas e, de seguida, foi-nos proposto que fizéssemos uma pequena volta de carro pela vila. Quando entrei no carro, fiquei perplexa com o rumo que tomava o nosso pequeno passeio. Em vez de visitarmos o Vale de Vizela, começámos de imediato a subir uma pequena estrada, íngreme e bordejada por construções recentes, enormes e espavorosas. Lembrando-me das entrevistas ², reconheci a estrada e depressa percebi qual era o nosso destino. Dirigíamo-nos para o monte de S. Bento. Perguntei porquê, e obtive a resposta que esperava: "porque é de lá que se vêem os limites do nosso concelho". Subimos e fomos convidados a olhar a paisagem. Do cimo de um monte, assinalado por duas pequenas capelas, uma antena e vários rochedos pintados de branco pelos devotos do Santo, avista-se, por entre os eucaliptos que, em primeiro plano, se lhe sobrepõem, um extenso vale, limitado por uma sucessão de montanhas que compõem os planos de fundo. Um olhar mais atento descobre um vale composto por alguns núcleos urbanos claramente definidos e por um espaço envolvente que, apesar de agrícola, se encontra salpicado de construções. Numa visão de conjunto, percebe-se que o rio e as estradas organizam os movimentos de implantação urbana.

Primeira questão: -É bonito, não é?

- É, realmente é bonito- respondi, mais rendida à persuasão da pergunta do que a um possível efeito estético.

- Pois, é o Vale de Vizela. O nosso concelho.

Só depois de posta face àquilo que foi apresentado como uma evidência estética é que me mostraram, pormenorizadamente, primeiro os limites do concelho e depois as aldeias, edifícios e monumentos que este integra. Num segundo momento, a paisagem foi-me descrita, recorrendo, não à visão de conjunto, mas aos lugares que a compõem ³. Aquilo que já se tinha tornado evidente na primeira análise de

² O meu trabalho baseou-se na análise de um corpus de entrevistas semi-directivas realizadas no quadro do projecto "Spatial Development" PNUD/POR/81/003/A/01/13), dirigido pelo Professores Pierre Pellegrino e Augusto Mesquitela Lima. As referidas entrevistas foram realizadas por uma equipa de investigadores num prazo relativamente curto de tempo, pelo que a minha representação do território vizelense resultava mais da leitura dos relatos dos entrevistados do que da minha experiência no terreno.

³ O "Guia de Portugal" (4º vol., Entre Douro e Minho. II Minho, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965), citado por Maria José Pacheco (1984:126), propõe um passeio ao monte de S. Bento, que descreve da seguinte maneira: "É o mais típico miradouro de Vizela. É um monte granítico, coroado de rochedos esbranquiçados. Daí se colhe uma ampla *visão panorâmica* da planura arborizada que se prolonga para o Norte de Vizela até Nespereira e, para os lados do Nascente, cobre a fecunda concha rústica de St.^a Comba, St.^o Adrião e Tagilde. No cimo (498 m de alt.) há uma ermida muito visitada por romeiros em meados de Julho".

entrevistas - o facto de a utilização da paisagem enquanto figura de retórica espacial, num contexto de reivindicação de novos limites administrativos, ser um dos elementos mais originais do processo de construção do território vizelense ⁴- impôs-se-me, depois do episódio aqui relatado, como um tema a trabalhar.

No Inverno de 1998, cinco anos depois do episódio que acabei de referir e um ano depois da publicação dos resultados do trabalho de investigação em livro (Silvano 1997), fui convidada para participar numa sessão pública em Guimarães, em que estavam presentes personalidades locais, conhecidas por serem umas a favor e outras contra, a criação do concelho de Vizela ⁵. Nessa visita, tive oportunidade de conhecer Maria José Pacheco, autora de uma obra - "Avicella, antologia sobre Vizela e seu termo" - que tinha sido muito útil para o meu trabalho, e que, no seguimento de Pierre Nora (1984), chamei de "lugar de memória" ⁶ vizelense, dado que, de algum modo, fixou os argumentos históricos que a localidade utiliza na sua construção identitária ⁷. A comunicação de Maria José Pacheco na referida sessão - em que, socorrendo-se de alguns efeitos narrativos, fez uma apresentação, viva e implicada, de factos e episódios da história de Vizela -, assim como a posterior leitura de publicações suas que eu desconhecia, levaram-me a fazer uma leitura mais completa

⁴ A título de exemplo, veja-se uma citação de uma entrevista realizada em 1983: "foi preciso 4 anos para concluir que Vizela era uma unidade geográfica muito bonita e que economicamente reunia todas as condições para desenvolver uma acção local."

⁵ Deixo aqui o meu agradecimento ao Dr Francisco Teixeira que, através do convite que me formulou, para, durante um fim de semana, participar num debate sobre a problemática da criação do concelho de Vizela (que teve lugar em Guimarães, no Círculo da Arte e Recreio, e foi organizada pelo Conselho Municipal de Juventude) e realizar o lançamento do meu livro em Guimarães, na Sociedade Martins Sarmento, e em Vizela, na Fundação Jorge Antunes, me proporcionou a oportunidade de me confrontar pessoalmente com as opiniões das pessoas cujos pensamentos tentei interpretar. De alguma forma, este texto resulta da vontade que essa viagem me deixou de voltar ao terreno do meu trabalho.

⁶ No sentido de "toute unité significative, d'ordre matériel ou idéal, dont la volonté des hommes ou le travail du temps a fait un élément symbolique du patrimoine mémoriel d'une quelconque communauté" (Nora 1992 : 20). Como veremos, os trabalhos de Maria José Pacheco inserem-se numa dinâmica social que foi também identificada por Pierre Nora : "Le passage de la mémoire à l'histoire a fait à chaque groupe l'obligation de redéfinir son identité par la revitalisation de sa propre histoire. Le devoir de mémoire fait de chacun l'historien de soi. L'impératif d'histoire a ainsi dépassé, de beaucoup, le cercle des historiens professionnels."(Nora 1984 : XXIX)

⁷ Os dados históricos que a obra apresenta aparecem, quase na sua totalidade, nos argumentos dos meus entrevistados. Organizam-se em torno de temáticas precisas e, por isso, facilmente repertoriadas : 1. o passado romano e pré-romano, 2. as termas 3. a paisagem, 4. o extinto concelho de Vizela, 5. a luta pela restauração do concelho de Vizela.

da temática da construção social da paisagem (Hirsch e O'Hanlon: 1995). De facto, a vila trabalha, digamos, em duas frentes: por um lado produz, socorrendo-se do "efeito paisagem", um espaço de representação espectacular e, por outro, pontua este de lugares de memória. Pode dizer-se que em Vizela se continua a produzir a paisagem que dará forma ao futuro concelho, um espaço imaginado que tem a particularidade de ter sido construído no interior de uma ficção política.

O estudo de caso de Vizela apresenta alguns elementos que são recorrentes noutros contextos etnográficos, também marcados por movimentos sociais de afirmação de identidades locais, regionais ou mesmo nacionais ⁸. Um desses fenómenos consiste na produção, a partir de textos com origens disciplinares diversas, de tradições discursivas que têm por objecto temáticas que, por se traduzirem numa representação da cultura, podem ser classificadas como etnográficas ⁹, e que integram os discursos identitários dos habitantes dos lugares a que se referem. Os autores desses textos têm, frequentemente, origem nas elites locais, e, na sua maioria, produzem e divulgam os seus trabalhos no exterior dos suportes caucionados pela academia, sendo por isso incluídos num campo que esta classificou de "etnografia local" (Medeiros 1998). A necessidade de compreender os mecanismos culturais e sociais que estão associados a essas produções acabou, no entanto, por levar alguns antropólogos a flexibilizar a definição de etnografia - "(...) qualquer empreendimento que, propositadamente ou não, contribua para produzir uma representação da cultura" (Vasconcelos 1997 : 213) -, de modo a incluir nela essas produções. Integro os textos e as imagens publicados por Maria José Pacheco (uns são textos da sua autoria, outros extractos de escritos de notáveis locais ou de escritores e eruditos nacionais e, num caso particular, uma novela de um escritor inglês ¹⁰) num processo de objectificação da cultura local, (e,

⁸ A este propósito, veja-se o número da revista *Etnográfica* dedicado ao tema "Etnografias e Etnógrafos locais" *Etnográfica*, Vol.I (2), 1997 e o texto de António Medeiro "Pintura dos Costumes da Nação: alguns argumentos", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol.38 (1-2), 1998..

⁹ Baseando-se no estudo de caso dos Açores, João Leal chamou "etnografia espontânea" ao resultado desse conjunto de textos : "Um conjunto de asserções de forte orientação etnocultural em que conceitos e ideias sobre o povo, sobre raízes étnicas e sobre cultura ocupam um lugar relevante. Sendo o objectivo comum afirmar a unidade e a diferença dos Açores, a cultura é, nesse quadro, um argumento decisivo."(João Leal 1997:193).

¹⁰ Sobre a importância dada à existência desses textos, veja-se uma citação de Maria José Pacheco : "Por outro lado, é de lembrar que no século passado e no que está correndo, estiveram em Vizela, e descreveram a sua beleza natural e o encanto dos que nela moravam, alguns dos nossos mais ilustres escritores, como, por ex., Camilo Castelo Branco, Padre Senna Freitas, Abade de Miragaia (Porto), José Augusto Vieira, D. António da Costa, Ramalho Ortigão, Justino de Montalvão, António Figueirinhas, Gentil Marques, Correia d'Oliveira, Sant'Anna Dionísio, etc. De recordar ainda a plêiade de Vizelenses ilustres que, desde meados do século passado,

nesse sentido, num processo de produção etnográfica) que se traduz numa encenação e numa representação do território da vila de Vizela.

Neste texto, retomarei as duas linhas de trabalho atrás anunciadas. Num primeiro momento, tentarei interpretar os mecanismos de construção da paisagem que os habitantes de Vizela vêem e mostram, e, num segundo momento, os mecanismos utilizados para transformar o espaço da vila em cultura representada, isolando para tal alguns lugares de memória.

Olhares cúmplices

É frequente, quando se escreve sobre paisagem, citar Cézanne, que um dia comentou que os camponeses dos arredores de Aix "não viam" o monte Sainte-Victoire. A referência a Cézanne serve normalmente para ilustrar a ideia de que a paisagem não é um conceito universal. Nasceu no Ocidente, na Flandres e na Itália do século XV, e resultou de uma transformação do olhar que permitiu, no dizer de Augustine Berque (1997), desfrutar, de forma profana, do "espectáculo do mundo". Esta mudança de atitude produziu-se em ligação estrita com as transformações da pintura europeia e associou em definitivo a ideia de paisagem à presença de componentes de ordem estética. Um dado recorte espacial transforma-se em paisagem quando o olhamos e sentimos uma emoção que definimos como estética ¹¹. Não é por isso o mesmo que olhar para saber se as uvas estão maduras, ou para verificar se a terra ficou bem arada. É óbvio que os camponeses de Aix não viam o que Cézanne via, nem tão pouco o que viam todos aqueles que se deslocaram, e se deslocam, a Aix, para reconhecer no monte Sainte-Victoire as qualidades estéticas que atribuíram às pinturas de Cézanne. Ver uma paisagem, implica portanto uma forma de olhar que é culturalmente construída.

As práticas sociais que levaram à produção e difusão da ideia de paisagem fazem com que facilmente pensemos que a paisagem é sempre o território dos outros. A familiaridade com a produção artística, a disponibilidade de um olhar ocioso, a possibilidade de contemplar espaços longínquos, são condições que só puderam ser cumpridas pelas elites europeias. Foram elas que uma vez inventado o turismo se encarregaram de repertoriar as mais belas paisagens do mundo. Como é lógico, raramente estas correspondiam ao lugar onde as referidas elites habitavam. Mas se esta argumentação faz algum sentido, este limita-se a um tempo histórico que já não

com o seu talento e entranhado amor à sua terra natal, lançaram a semente da emancipação de Vizela, sendo de destacar aqui os nomes de Ana Amália Moreira de Sá e dos Drs. Dias de Freitas, Pereira Caldas, Bráulio Caldas, Armindo Freitas e Abílio Torres. (Pacheco 1984 : 229)

¹¹ "extensão de território que se abrange de um só lance de vista, e que se considera pelo seu valor artístico (...)" (Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira : vol 19, p. 994).

é o nosso. A ideia de paisagem difundiu-se tanto quanto o turismo e as viagens, e a sua utilização é, hoje, seguramente mais complexa do que a minha apresentação pode levar a crer. O caso de Vizela é, no meu entender, um bom exemplo etnográfico dessa possível complexidade. Não é único. Num texto sobre os Zafimaniry, de Madagascar, Maurice Bloch parte de uma constatação: "the Zafimaniry are as enthusiastic as are the Guide Michelin and municipal authorities about good views" (Bloch 1995:65). Os Zafimaniry gostam de parar em lugares altos e olhar a paisagem, emocionados como qualquer ocidental. Mas a questão está em saber o que é que eles vêem, ou, dito de outro modo, o que é que os emociona. É, segundo Bloch, a contemplação das suas próprias marcas no espaço e a vitória sobre a floresta. O mesmo se poderá perguntar dos vizelenses. A minha resposta seria que o que os emociona é a contemplação dos limites do concelho desejado. É, no fundo, a contemplação de um território ficcionado. Como referem Françoise Dubost e Bernadette Lizet (1995 : 231), Bloch "montre qu'on ne peut isoler la dimension esthétique du rapport au territoire, la scinder des autres aspects du système culturel de la société étudiée".

No início deste texto, relatei a minha primeira subida ao monte de S. Bento. Depois desse episódio, eu poderia ter pensado que os vizelenses mostram a paisagem aos outros, porque sabem que existe a possibilidade de esta os emocionar, mas que eles próprios não são capazes, por esta lhes ser demasiado próxima, de a olhar desse ponto de vista. Tal formulação não foi no entanto possível, porque os meus anfitriões pareciam realmente emocionados e eram bastante convictos nas suas afirmações relativas à beleza da vista. Por outro lado, no monte havia mais pessoas que pareciam passar por ali só para dar uma olhadela à paisagem. Posteriormente, sempre que subi ao monte de S. Bento, encontrei pessoas que ali estavam para namorar, comer uma merenda em família ou, simplesmente, olhar a vista, ao fim da tarde "para descontrair do trabalho". Concluo por isso que os vizelenses gostam, tanto como os outros, de admirar o seu próprio Vale.

Simmel respondeu, num texto de 1913 intitulado "Philosophie der Landschaft", à questão de saber o que é uma paisagem, de uma forma que pode ser produtiva para a interpretação do nosso caso. Dizia ele:

"Quant au paysage, c'est justement sa délimitation, sa saisie dans un rayon visuel momentané ou bien durable qui le définissent essentiellement ; sa base matérielle ou ses morceaux isolés peuvent toujours passer pour nature - représenté à titre de paysage, il revendique un être-pour-soi éventuellement optique, éventuellement esthétique, éventuellement atmosphérique, bref une singularité, un caractère l'arrachant à cette unité indivisible de la nature (...)" (Simmel 1988 : 230)

A citação permite-nos isolar uma ideia inicial: construir uma paisagem é, antes de tudo, conceder - a partir de temáticas ópticas, estéticas ou atmosféricas - identidade a um recorte espacial. Um pouco no mesmo sentido, Lefebvre (1972) afirma que o olhar unifica. Acontece que é esse, justamente, o objetivo social e político dos

vizelenses. Fazer reconhecer a identidade (leia-se unidade) de um recorte espacial, para assim obter o reconhecimento da justeza das suas pretensões administrativas. A hipótese sugerida por Simmel, embora interessante, e provavelmente portadora de uma interpretação parcial convincente, não responde, no entanto, à totalidade da questão. Porque o facto significativo não é provavelmente a existência de um ponto de vista esteticamente interessante, mas o facto de ser aquele o ponto de vista que os vizelenses escolheram para ver (e dar a ver) um espaço de pertença que construíram a partir de múltiplas componentes (políticas, sociais, históricas, económicas, etc). Assim concebido, o processo de construção do espaço de pertença não se associa apenas a efeitos estéticos mas a uma combinação de efeitos, produtora da impressão que traduzimos pelo conceito de paisagem. E é justamente essa multiplicidade de efeitos que emociona os vizelenses.

"avoir une connaissance d'un lieu, c'est reconnaître à ce lieu une identité, un ensemble de caractéristiques. Cette identité ou ces caractéristiques, reconnues au lieu, ne sont pas imposées par la réalité matérielle de l'objet paysage, mais tirent leur pertinence du point de vue adopté pour connaître le lieu."
(Pellegrino 1976 : 18)

Uma segunda questão, prende-se com o facto de o efeito de paisagem ser claramente utilizado com o objectivo de convencer os outros. Num contexto de negociação difícil, é necessário construir argumentos, e a paisagem aparece como um eficaz figura de retórica espacial. Utilizada tanto na prática social - como vimos, o primeiro sítio onde os responsáveis locais levaram os antropólogos que se afirmaram interessados em estudar a sua terra foi ao monte que permite visualizar a paisagem - como nos discursos. A este propósito, vejam-se algumas citações de entrevistados:

"Mas, senhor professor, se quiser ainda inteirar-se, com maior nitidez, de que constituímos uma unidade geográfica bem definida, basta-lhe subir aqui ao monte de São Bento e, lá de cima do alto, ver o vale de Vizela, o rio, e vê que nós realmente somos uma coisa diferente. Estamos desligados dos outros por natureza. É por isso que a nossa aspiração tem justificação."

"P. E o que é que inclui no Vale de Vizela?

R. O Vale de Vizela é tudo o que a nossa vista abrange, que é, realmente, todas as freguesias limítrofes de Vizela."

Como afirma Greimas (1986 : 171), "Tout point de vue impose à l'énonciataire, instance de réception, une interprétation de l'énoncé" . No nosso caso, a expressão "ponto de vista" pode ser interpretada literalmente. É a vista que se abarca do monte

de S. Bento e que, como que por força da natureza ¹², corresponde às freguesias que integram o concelho de Vizela.

Reviver o passado e desenhar bilhetes postais

A valorização estética do território pode, no caso de Vizela, ser associada a condições sociais e culturais precisas. A presença na vila, regular desde o século XIX, de turistas com origem nas elites urbanas portuguesas e, nalguns casos, inglesas, terá permitido a reprodução, por parte de outros grupos sociais, tanto de uma representação do território que integra componentes estetizantes, como de práticas sociais que se focalizam no usufruto dessas mesmas qualidades estéticas. A actual difusão, por via das já referidas compilações de Maria José Pacheco, de textos que, por vezes numa tardia visão romântica, encenam uma paisagem pitoresca, vem contribuir para a produção local de uma representação do território que se estabiliza na forma de uma "paisagem típica" ¹³. Vejamos, numa entrevista datada de 1983, uma descrição de um estilo de vida local fortemente ligado à presença de turistas.

"Aqui a nossa terra, por dote da natureza, é um vale muito lindo. É um vale muito lindo, e as pessoas encontram aqui certos pormenores de convivência, portanto, a sua convivência nos próprios cafés. Depois temos aqueles períodos, por exemplo, da época de Verão, onde aqui, com o balneário que temos, aqui vêm fazer tratamento muitos turistas. Não é? Portanto, buscando o remédio para os seus males. E é claro, como têm esse privilégio de ser terra visitada por muitas pessoas, principalmente no Verão, essas pessoas aqui à volta, claro, dá mais jeito e deslocam-se então aqui. E como naquela época estival, quando o calor aperta, temos um frondoso parque onde as pessoas também podem reciar. E portanto Vizela é sempre um motivo de atracção."

A composição, nas narrativas literárias, da paisagem vizelense, corresponde, no essencial, à imagem tipificada que, desde o século passado, se foi construindo da paisagem minhota, e é essa imagem, que hoje corresponde apenas a pequenos recantos protegidos por uma já evidente vontade de patrimonializar o espaço da vila, que se fixou na memória dos vizelenses. Num pequeno livro, editado a quando do centenário da morte de Camilo, Maria José Pacheco afirma:

"Nas terras de Riba Vizela encontrou Camilo tudo o que mais apreciava na paisagem minhota: árvores frondosas, rios, e casais e solares,

¹² O mecanismo de naturalização do ponto de vista - "estamos separados dos outros por natureza" - é outra figura de retórica utilizada.

¹³ Eric Hirsch define "Typical landscapes" como "representations that would evoke the sense of people and place characteristic of the area". (Hirsch e O'Hanlon 1995 : 11)

que aguçavam a sua curiosidade e imaginação e ficaram bem gravados no seu espírito" (Pacheco : 1990 : 11)

Dois extractos de escritos de Camilo, citados por Maria José Pacheco e retirados das *Novelas do Minho*, podem ilustrar o que ficou dito:

"Era, pois, em 1851, aos 15 de Junho, nas Caldas de Vizela. Entre salgueiros que enverdecem uma ilheta acima da ponte, que hoje chamam "velha", à hora da sesta, emboscaram-se sete pessoas que preferiam aquele frescor acre do arvoredo golpeado por meandros do rio ao cheiro sulfuroso e até sulfídrico da Lameira" (Supra :12)

A animação da paisagem implica, no entanto, a presença de personagens. Um outro extracto, retirado da mesma novela ¹⁴, é revelador dos mecanismos literários que objectificaram, tipificando-o, o povo, que assim se transformou num dos elementos de composição da paisagem.

"A corrente murmurosa trapejava nas franças dos amieiros debruçados à flor da água. Daí ladeámos o banho do Mourisco, à volta do qual estavam umas mulheres aldeãs espulgando-se nos seios com um despejo digno da inocência da Arcádia. Os homens respectivos escodeavam as calosidades calcâneas ou atarracavam tachas nos tamancos."

A importância, já referida, da presença de ingleses na vila, pode ser deduzida da leitura da novela "A Rita portuguesa", da autoria de Manoel Pedro Guimaraens, descendente de uma família luso-britânica ligada ao comércio do vinho do Porto. A novela foi editada, no século XIX, em Inglaterra, e em 1993, por iniciativa da Maria José Pacheco, foi traduzida e publicada em português. Contribui, como os textos de autores portugueses, para a produção das imagens que compõem a paisagem vizelense.

"Saímos para o ar doce de Verão e descendo a encosta pelo caminho sinuoso, através da quinta, chegámos à beira-rio, que corria entre campos de milho ondulante e prados de erva crescida onde pequenas rãs coaxavam incessantemente durante a noite. Depois, por caminhos mais escondidos, onde a folhagem se tornava mais espessa, as águas claras do Vizela deslizavam entre o verde denso dos bosques por margens ladeadas de pinheiros, carvalhos, bétulas e chorões, junto da água, ora correndo suavemente sobre o leito lodacento, ora dançando como um selvagem, a brilhar sobre as pedras e a tilintar pelas rochas em cascatas de cristal" (Guimaraens 1993 :16,17)

¹⁴ Segundo referência de Maria José Pacheco : Camilo, *Obras completas - Novelas do Minho - Gracejos que Matam*.

Alguns objectos arquitectónicos organizaram a composição das imagens construídas por esse processo de fixação do olhar. Na sua maioria são construções, ou restos de construções, suficientemente antigos para poderem ser pensados como preciosos vestígios do passado. É o caso da "ponte romana", sem dúvidas o elemento arquitectónico mais citado pelos meus entrevistados, frequentemente referido nas descrições paisagísticas e também representado num azulejo junto ao edifício das termas, numa composição semelhante aos bilhetes postais que, desde o início de século, emblematizaram a vila. Representados enquanto cultura, esses fragmentos do passado são claramente associados pelos entrevistados ao discurso reivindicativo. Dizer a antiguidade da terra significa justificar a sua importância e, consequentemente, o seu direito a ser sede de concelho.

"Porque a nossa terra foi uma terra que teve origem já no tempo dos romanos. Isto é outro pensamento que eu tenho à cerca da minha terra. Construíram uma ponte que tem o nome de ponte romana, que é monumento nacional. Ora bem, quando se constrói alguma coisa que pelo futuro fica, quer dizer que algo, no tempo que já passou, algo grande existiu naquele lugar."

Bibliografia citada

BERQUE, A.

1997, «En el origen del paisaje», *Revista de Occidente*, No.189, Febrero

BLOCH, M.

1995, «People into Places, *The anthropology of landscape*, Oxford/New York, Oxford University Press.

DUBOST, F. e LIZET, B.

1995, «Pour une ethnologie du paysage», *Paysage au pluriel*, Paris, Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J.

1986, *Sémiotique - dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Tome 2, Paris, Hachette.

GUIMARAENS, M.P.

1993, A Rita portuguesa, Porto, editor Dr. Armando Dias Gomes.

HIRSCH, E e O' Hanlon, M.

1995, *The anthropology of landscape*, Oxford/New York, Oxford University Press.

LEAL, J.

1997, «Açorianidade: literatura, política, etnografia», *Etnográfica*, Vol.I(2), Lisboa, Celta.

LEFEBVRE, H.

1972, *Le droit à la ville*, Paris, Anthropos, (1ª ed.1968).

MEDEIROS, A.

1998, «Pintura dos Costumes da Nação: alguns argumentos», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol.38 (1-2), Porto.

NORA, P.

1992, "Comment écrire l'histoire de France", in *Les lieux de mémoire*, vol. III - *Les France*, Paris, Gallimard.

1984, "Entre mémoire et histoire", in *Les lieux de mémoire*, vol. I - *La République*, Paris, Gallimard.

PACHECO, M.J.

1990, *Camilo e Vizela, com três cartas do escritor*, Porto, Edição de autor.

1984, *Avicella, antologia de textos sobre Vizela e seu termo*, Porto, Edição de autor.

PELLEGRINO, P. et al.

1976, *Paysages et pertinence architecturale*, Genève, CRAAL-CORDA.

SILVANO, F.

1997, *Territórios da identidade, representações do espaço em Guimarães, Vizela e Santa Eulália*, Oeiras, Celta.

SIMMEL, G.

1988, *La tragédie de la culture et autres essais*, Paris, Rivages.

VASCONCELOS, J.

1997, «Tempos remotos: a presença do passado na objectificação da cultura local», *Etnográfica*, Vol.I(2), Lisboa, Celta.